

Gabrielli da Silva ¹
Raisa Horza ²
Daniela Corrêa da Maia³
Lia Maris Orth Ritter Antiqueira ⁴

RESUMO

Discute-se aqui o processo da inclusão e diversidade dentro da sala de aula, a partir das experiências e relatos de educadores, com a definição de algumas deficiências. Nesta perspectiva relata-se a importância da inclusão de alunos com dificuldades e a busca de alternativas neste constante processo no ambiente escolar. A proposta parte da realidade das duas primeiras autoras, enquanto bolsistas do Programa de Incentivo de Bolsas de Iniciação à Docência, participando da rotina diária de uma escola pública em Ponta Grossa, Paraná. Dessa forma, o intuito foi ir em busca de relatos de professores e suas experiências para entender qual é a maior dificuldade no processo de ensino e aprendizagem, à medida que o trabalho foi sendo realizado, a participação dos professores foi fundamental para obtenção dos resultados. Assim, identificar recursos dinâmicos que possam auxiliar no dia a dia em sala de aula. Considerar a diversidade na educação é ter um olhar amplo para a multiplicidade de características que os alunos possuem, o modo de pensar, interagir e o mais importante o modo de aprender, que são diferentes para cada um. A educação não pode ser padronizada para todas as pessoas, precisa ser diversificada para atender estas peculiaridades.

Palavras-chave: Aprendizagem significativa, Educação Inclusiva, Licenciatura, PIBID.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de assuntos voltados à educação inclusiva e à diversidade, abordando a busca de alternativas para que os processos de inclusão dos alunos em salas de aula sejam alcançados na totalidade.

A proposta parte da realidade das duas primeiras autoras, enquanto bolsistas do Programa de Incentivo de Bolsas de Iniciação à Docência, participando da rotina diária de uma escola pública em Ponta Grossa, Paraná.

O objetivo principal é abordar a importância da inclusão, discutindo a vasta diversidade de pessoas e situações que se encontram em uma mesma sala de aula, o que se torna um grande desafio para o professor.

¹ Bolsista PIBID. Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, gabriellisilva@utfpr.edu.br;

² Bolsista PIBID. Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, raisa@alunos.utfpr.edu.br;

³ Mestre. Supervisora PIBID. Docente da Secretaria Estadual de Educação do Paraná, Núcleo Regional de Ponta Grossa, danicmaia8@gmail.com;

⁴ Doutora. Coordenadora PIBID. Docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, liaantiqueira@utfpr.edu.br;

Abordam-se neste texto alguns transtornos específicos da aprendizagem, que se manifestam nos primeiros anos escolares, pois é onde a criança começa a desenvolver a fala, leitura, escrita e a convivência, podendo ter alguns fatores que podem influenciar, advindo de causas hereditárias, neurológicas e até ambientais. Essas dificuldades devem ser identificadas por profissionais, e na escola por uma equipe interdisciplinar com conhecimentos especializados e, mostrando para o aluno os caminhos possíveis de superação, focando nas suas potencialidades.

Não se pretende de forma alguma elucidar ou esgotar o tema de pesquisa, pelo contrário: trata-se de aspecto amplo e requer reflexão constante e busca por estratégias de ensino e de capacitação docente constantes, acima de tudo a democratização do ensino.

METODOLOGIA

Para a realização da investigação acerca do tema, o presente trabalho iniciou-se com pesquisa bibliográfica, pautando-se em artigos, revistas, periódicos, capítulos de livro, além da vivência no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, juntamente com a imersão no programa PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), onde na escola credenciada para atividades ocorre o contato com alunos com diversidade de condições, como por exemplo, alunos que tem autismo de vários graus, dislexia, TDAH, entre outros diagnósticos.

Além desta abordagem, o trabalho congrega aspectos de observação participante (duas manhãs na semana, iniciando-se em novembro de 2022), totalizando mais de 100 horas de convivência em sala de aula em diferentes turmas do ensino médio, na disciplina de Biologia e dos anos finais do ensino fundamental, na disciplina de Ciências.

A terceira etapa metodológica implicou na realização de uma pesquisa com professores da mesma escola para conhecer um pouco de suas experiências dentro da sala de aula, partindo-se de uma pergunta ampla e aberta a ser respondida na forma de um relato de experiência: *Qual foi seu maior desafio dentro da sala de aula com alunos que apresentam transtornos/dificuldades, como por exemplo, autismo, dislexia, TDAH entre outros? Como lidar no cotidiano com essas situações?*

Buscou-se investigar como a discursividade de cada relato pode mostrar caminhos diferentes, auxiliando na busca de uma educação mais inclusiva dentro das escolas. Ao todo foram um total de 4 professores da escola que aceitaram participar da pesquisa, responder a pergunta e relatar suas experiências em sala de aula.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diversidade e Inclusão na Escola

Para Abramoway (2002), a diversidade, um substantivo que significa aquilo que é diverso, diferente em multiplicidade, tudo aquilo que apresenta diferenças entre si, diversidade cultural, diversidade étnica, diversidade linguística, diversidade religiosa e diversidade de gênero, entre outras. Pensando dessa forma, a diversidade está presente em todos os lugares e é preciso aprender a respeitar e conviver de maneira saudável com toda sua amplitude.

A escola é um lugar de convívio de pessoas de variadas culturas, religiões, orientações sexuais e diversas formas de pensar, além de condições diferenciadas que se fazem necessárias ao convívio, aprendizado e desenvolvimento de cada indivíduo, constituindo-se num lugar que possui uma rica diversidade. Entretanto, as organizações sociais vêm ao longo de suas histórias, apresentando dificuldades para o acolhimento das diferenças (MAFFESOLI, 1987), mas há determinadas violências que são possíveis de serem minoradas com um trabalho educativo. A forma de perceber as diversas modalidades de violência no espaço escolar difere no decorrer dos tempos, como afirma Abramoway (2002):

[...]”Inicialmente a escola era tratada como uma simples questão de disciplina. Mais tarde, passou a ser analisada como manifestação de delinquência juvenil, expressão de comportamento anti social. Hoje é percebida de maneira muito mais ampla, sob perspectivas que expressam fenômenos como a globalização e a exclusão social, os quais requerem análises que não se restrinjam às transgressões praticadas por jovens estudantes ou as violências das relações sociais entre eles.” (ABRAMOWAY, 2002, p.13)

A escola, atualmente, persiste numa organização pedagógica que está anacrônica com os tempos atuais caracterizados por um amplo uso da Rede Mundial de Computadores. Nossos alunos, filhos de uma era digital, apresentam um crescente desinteresse e falta de estímulos. Por vezes, esse anacronismo persistente da organização escolar pode conduzir a algumas manifestações de revolta que conduzem a práticas de violência tanto contra os espaços físicos, quanto contra os membros da comunidade escolar por meio de como



agressões verbais e físicas contra colegas, professores e demais membros constituintes da escola. Para Sposito (1998):

[...]”Trata-se de propiciar a possibilidade de outra convivência e novos significados para um presente democrático no interior da vida escolar capaz de sinalizar alguns valores positivos para as crianças, adolescentes e jovens. Práticas pedagógicas que acenem com incertas possibilidades de melhoria para o futuro, não são suficientes para construir relações significativas com a instituição escolar. Na ausência dessas referências, a indiferença e a violência são respostas frequentes e banalizadas expressões parciais da crise que atinge os sistemas escolares.”
(SPOSITO, 1998, p.16)

Vale destacar ainda que na Constituição Federal (CF) de 1988, no artigo 216, instituiu-se como patrimônio cultural brasileiro “as formas de expressão e os modos de criar, fazer e viver”(BRASIL,1988),de modo que devem ser respeitadas as diversas formas de expressão, em quaisquer espaços sociais, seja os modos de viver, independentemente de sua classe social, de sua cultura, religião e sexualidade.

Explicar sobre dificuldade na educação e a sua diversidade é um desafio, diante disso, se dá todos os dias dentro de sala de aula onde alunos e alunas enfrentam na sua vida e em suas atividades escolares. Toda essa discussão vem cada vez mais ganhando espaço no meio da pesquisa e por cientistas, visando a superação e trazendo consigo a inclusão.

Para Desidério e Miyazaki (2007), as dificuldades de aprendizagem podem acarretar grandes prejuízos no ensino de cada criança, essa dificuldade está relacionada a transtornos do neurodesenvolvimento, como o transtorno do déficit de atenção, transtornos da comunicação, entre outros. Alguns fatores influenciam nessas dificuldades como os fatores hereditários temos o TDAH, outra questão importante é a influência nos ambientes em que a criança vive pode afetar no modo em que ela aprende e o seu nível de déficit na aprendizagem, esse são alguns dos fatores. Transtorno do Déficit de Atenção, TDAH é considerado o Transtorno do Neurodesenvolvimento, (segundo o ministério da saúde), que se dá por desatenção, hiperatividade e a impulsividade, são os principais elementos que o compõem. Esse transtorno é um dos mais comuns entre crianças e jovens, e essa é uma dificuldade que acompanha o indivíduo durante toda a vida adulta, uma das principais causas é a falta de atenção neurológica.

Enquanto docentes em formação, é preciso prestar atenção nessas dificuldades e potencializar o foco dos alunos que tenham esse transtorno. Uma das formas de manter o foco dessa criança é estabelecer uma direção, de curto, médio e longo prazo, tendo um objetivo para seguir, concentrando nas coisas que gosta de fazer e que trazem prazer, assim, tudo vai

ficar mais fácil, pois muitas vezes precisam de ajuda para se organizar e dessa forma priorizar o que realmente é necessário. Para pessoas com esse transtorno é preciso sempre dar um feedback, para se sentirem mais confiantes e perceberem que estão cumprindo com suas atividades da forma correta, a alimentação completa e equilibrada é muito importante para conseguir manter a atenção. (JOU et al., 2010).

Diferente do TDAH, as pessoas com dislexia têm diversas dificuldades na aprendizagem, na leitura de palavras, na compreensão da leitura e na fluência. O termo dislexia (DSM-5, 2014) diz que são os transtornos específicos da aprendizagem, habilidades como, escrita e leitura são as mais afetadas, apresentando alguns sinais em seu diagnóstico, o primeiro é o tempo, a criança que apresenta esse transtorno demora um pouco mais para terminar a atividade, comparado com outras crianças e acaba cansando muito rápido, em relação a linguagem oral, a criança demora mais para começar a falar e se comunicar e tem muita dificuldade para se expressar, apresenta confusão na relação com pessoas, com as cores, direção, esquerda e direita por exemplo. (RODRIGUES E CIASCA., 2016).

Para Rodrigues e Ciasca (2016), na área de exatas tem mais dificuldade podendo ser comprometida na aprendizagem, no raciocínio lógico é muito criativo, com padrões visuais muito bons, em relação aos sentimentos é competitivo e ciumento podendo ter baixa autoestima, com relação a sua memória visual é muito boa e eficiente, tendo uma memória fotográfica. Já na sua coordenação motora tem mais dificuldade, acaba se machucando mais, caindo, tropeçando, por isso, é necessário ter mais cuidado no seu dia a dia, na linguagem escrita sua alfabetização é tardia, tendo muita dificuldade, apresentando muitos erros na sua ortografia e é desatento, não consegue focar e nem memorizar as coisas.

Essas dificuldades mostradas pela dislexia estão diretamente relacionadas às habilidades acadêmicas, que se apresentam logo no início da escola. A leitura é a principal ferramenta para se utilizar na aprendizagem, pois trabalha e atua diretamente no cérebro e na mente e auxilia na alfabetização das crianças. Pequenas ações podem trazer grandes resultados para crianças, jovens e adultos com dislexia. Uma das formas de minimizar essas dificuldades, elogiar e reconhecer cada passo que essa criança dá, cada objetivo feito e concluído, junto com isso permitir mais tempo para execução de tarefas e entender que essas pessoas têm o seu tempo de executar e aprender atividades, dar ordens curtas e objetivas e sempre utilizar da repetição para ajudar na comunicação (RODRIGUES E CIASCA., 2016).

Uma das coisas que o professor precisa compreender é que esses alunos precisam da sua ajuda na leitura e na escrita, sempre dando exemplos fáceis e objetivos para o entendimento, como, desenhos e esquemas, lembrar que crianças com esse transtorno são mais visuais e tem uma memória fotográfica ótima, então utilizar desses recursos a seu favor. A dislexia é hereditária, seu diagnóstico já pode ser possível observar a partir dos 5 anos de idade, podendo ter casos leves, moderados e severos, por isso é necessário o diagnóstico durante os primeiros anos iniciais da criança, para um melhor tratamento e entendimento. (JOU et al., 2010).

De acordo com a Associação de Amigos do Autista (AMA), o autismo é “um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes desde idade muito precoce, tipicamente antes dos três anos de idade, com impacto múltiplo e variável em áreas nobres do desenvolvimento humano como as áreas de comunicação, interação social, aprendizado e capacidade de adaptação”. Considera-se o autismo como uma tríade de dificuldades: dificuldade de comunicação, socialização e de uso da imaginação, sendo a dificuldade de socialização o ponto crucial do autismo. Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), e conforme a descrição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria (DSM - V), caracterizam-se pela presença de um repertório comportamental marcadamente restrito de atividades e interesses, prejuízos na comunicação social e interação (APA, 2014).

Isso significa que de acordo com o DSM-V ele afeta 3 grandes áreas do desenvolvimento da pessoa: comunicação social, comportamentos repetitivos e interesses restritos e pode estar ou não associado a comprometimento intelectual concomitante ou a outra condição médica ou genética. É importante considerar a variação nos sintomas e nos comportamentos individuais, uma vez que algumas pessoas apresentam alguns sintomas de forma leve e outros com maior comprometimento.

Desafios Docentes em sala de aula

À medida que esse estudo foi realizado, a participação do professor foi essencial para construir uma visão dos desafios enfrentados em sala de aula. Partindo-se da pergunta proposta referente à rotina em sala de aula com alunos que apresentam transtornos/dificuldades, surgiram respostas significativas dos docentes que participaram da entrevista:

P1- "Não sei ainda como lidar com alunos que apresentam tais especificidades. Sempre tenho muita dificuldade para levar material para eles. Sinto que não tenho preparo, não tenho formação para compreender as necessidades de cada aluno com necessidade especial. Dependendo da escola temos apoio do professor da sala de recursos, mas mesmo assim me sinto despreparada por não ter tido formação para isso."

P2- "A dificuldade maior é de interação com o aluno sem ter uma professora que acompanhe na aprendizagem do aluno. Quando tem esse acompanhamento essa interação com o aluno a aprendizagem ocorre dentro dos limites deles."

P3- "O meu sentimento, ao trabalhar com esses alunos, é de impotência. Infelizmente não temos nenhuma preparação para trabalhar com esses alunos tão especiais. Sem apoio, sinto dificuldade em preparar material adaptado. Muitas vezes até mesmo o contato com eles é difícil, porém insisto. Não é raro me sentir uma péssima profissional, por não ter a capacidade de ajudá-los mais."

Ao observar esses relatos pode-se notar que todos os professores apresentam dificuldades de como se trabalhar com alunos que têm algum tipo de necessidade. P1 cita a defasagem de atividades para esses alunos, pois na maioria das vezes tem que ser diferenciadas de uma maneira mais fácil para eles entenderem e conseguirem concluir. Já P2 cita a questão da interação do aluno em sala, com atividades e até com os colegas, pois quem apresenta algum tipo de transtorno tem muita dificuldade de interação, precisando de ajuda para ser incluído em dinâmicas e grupos, essa inclusão acaba sendo muito difícil. P3 cita que se sente despreparada para trabalhar com alunos especiais assim como a P2 também, então percebe-se que é algo que afeta a maioria, essa despreparação dos professores ainda é muito comum nas escolas, mas com o passar dos anos tem mudado, com cursos on-line que ensinam de uma maneira simples como lidar com essas dificuldades que os alunos apresentam, um exemplo é um curso disponível gratuitamente na plataforma ESKADA que foi utilizado como uma das bases metodológicas para construir essa pesquisa após ter sido realizado pelas autoras enquanto formação complementar do PIBID.

Mais concretamente, a plataforma ESKADA trata-se de um curso da Universidade Estadual do Maranhão que é prógona em adotar estratégias inovadoras para a educação, em modelos em formas flexíveis como online justamente para disseminar o conhecimento para a sociedade. Em 2014, a Universidade lançou sua primeira Plataforma de Cursos Abertos, possibilitando a oferta de um ensino mais dinâmico e didático. Desde então, a UEMA se

compromete em oferecer soluções ágeis e inovadoras na esfera dos cursos online. Por conseguinte, durante as férias dos Pibidianos foi ofertado este curso de férias, com carga horária de 45 horas, podendo ser escolhido o curso de interesse de cada aluno. No geral, a plataforma não é apenas uma ferramenta de ensino online, mas uma expressão do comprometimento da UEMA em liderar uma educação aberta e a distância no Brasil.

Neste sentido, a participação na rotina diária de uma escola enquanto bolsista PIBID, participando do planejamento e das atividades docentes, engajando-se na comunidade escolar e em todas as atividades que a norteiam, permite uma formação robusta aos alunos de cursos de licenciatura. Estar no PIBID, em um colégio estadual: Professora Linda Salamuni Bacila, com uma supervisora que ama o que faz, extremamente dedicada, sempre disposta a dar o seu melhor em cada aula, nos fez ver que essa profissão é tão linda, poder transmitir o conhecimento que aprendemos no curso de biologia para crianças, adolescentes e até adultos que estão dispostos a aprender é muito gratificante, ver cada aluno com as suas dificuldades, as suas vivências e seus ensinamentos, é entender que não é só o professor que ensina, o aluno também ensina o professor.

Estar toda semana na escola nos mostrou a real rotina de um professor que não é nada fácil, ser professor é ser aluno todo dia, pois você aprende diariamente, Durante todo esse tempo passamos por experiências fantásticas dentro da escola com projetos extra curriculares e dentro de sala de aula. O programa nos fez enxergar o quão lindo é lecionar todo conhecimento obtido no curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Só temos a agradecer e ser extremamente gratos pela oportunidade de poder estar levando inspirações, aprendizados, desafios, curiosidades e um pouco do conhecimento científico para dentro de sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerar a diversidade na educação é ter um olhar amplo para a multiplicidade de características que os alunos possuem, o modo de pensar, interagir e o mais importante o modo de aprender, que são diferentes para cada um. A educação não pode ser padronizada para todas as pessoas, precisa ser diversificada para atender estas peculiaridades.

Nesta linha de raciocínio, a escola deve ser um lugar de inclusão (e não apenas de inserção), onde todos tenham papel protagonista no processo. Na escola ocorre a troca de

experiências e a convivência que deve amadurecer e enriquecer a todos, num processo constante de construção e desconstrução de conceitos.

Da mesma forma, a educação é para todos, precisando ser efetiva para todos, priorizando as características diferenciadas de cada aluno ao mesmo tempo que inclua todos na construção do conhecimento.

Falar em diversidade, assim, não implica somente em deficiências, mas de todo um conjunto de singularidades desde classe social, etnia, cultura, religião, preferências, crenças que não podem ser dissociadas de forma como o indivíduo apreende a realidade e se desenvolve.

Assim, fica claro que não pode ocorrer na escola a segregação de grupos ou indivíduos e que não se tem um manual de instruções para trabalhar com toda a diversidade. Porém a capacitação e a reflexão são necessárias ao longo de toda a jornada, a fim de acolher as diferenças, combater rótulos e discriminação, desconstruindo pensamentos padronizados que levem a intolerância.

Enquanto docentes em formação, entende-se que este é o primeiro passo em que se pode contribuir para uma educação democrática e igualitária.

REFERÊNCIAS

LDB, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, 1996

DESIDÉRIO, R. C. S.; MIYAZAKI, M. C. DE O. S. Transtorno de Déficit de Atenção /

Hiperatividade (TDAH): orientações para a família. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, p. 165–176, 1 jun. 2007.

JOU, G. I. DE et al. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: um olhar no ensino fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 23, p. 29–36, 1 abr. 2010.

RODRIGUES, S. DAS D.; CIASCA, S. M. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. **Revista Psicopedagogia**, v. 33, n. 100, p. 86–97, 2016.

CTIC, C. DE T. DA I. E C. -. **Eskada: nova plataforma de cursos abertos da UEMA**.

Disponível em:

<<https://www.uema.br/2019/08/eskada-nova-plataforma-de-cursos-abertos-da-uema-com-cursos-gratuitos/#:~:texto%20estudo%20do%20aluno%20agora>>. Acesso em: 25 ago. 2023.